

O ENSINO DE LITERATURA SEGUNDO ANTONIO CANDIDO¹

THE TEACHING OF LITERATURE ACCORDING TO ANTONIO CANDIDO

BENEDITO ANTUNES²

RESUMO: O professor Antonio Candido (1918-2017) foi, como poucos no Brasil, um humanista convicto, que aplicou seus princípios a tudo o que fez como professor, pensador e militante político. A rigor, todas essas faces foram marcadas pela sua condição de professor, preocupado em educar para a vida em sociedade. Com base no estudo de textos sobre teoria literária e literatura brasileira, este artigo pretende delinear a concepção de ensino de literatura na obra de Antonio Candido, visando contribuir para a reflexão sobre a leitura literária na sala de aula num nível que vá além de considerações de ordem didática e trate a literatura como fator relevante para a formação humana na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de literatura, Antonio Candido, literatura brasileira, formação do leitor literário.

ABSTRACT: Professor Antonio Candido (1918-2017) was, as a few people in Brazil were, a confirmed humanist, who applied his principles to everything he had done as a professor, thinker and political activist. Strictly speaking, all such facets of his were marked by his role as a professor, concerned about fostering education for life within society. Based on the study of texts broaching Brazilian literary theory and literature, this paper was carried out to outline the conception of literature teaching in Antonio Candido's work, in order to contribute to the reflection on literary reading in classroom at a level which goes beyond merely didactic considerations and deals with literature as a relevant factor for human background development nowadays.

KEYWORDS: teaching of literature, Antonio Candido, Brazilian literature, literary reader's, background development.

1 Este artigo contou com o apoio da FAPESP para ser apresentado no 56º ICA (Congresso Internacional de Americanistas), realizado em Salamanca, Espanha, em julho de 2018.

2 Professor do Departamento de Literatura na UNESP – Assis. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Introdução

Antonio Candido é considerado um dos maiores intelectuais brasileiros de todos os tempos. Soube, como poucos, aliar pesquisa e reflexões originais à prática tanto docente quanto política. Dessa forma, ele foi – com equilibrada competência – professor, pensador e militante político, tendo em todas essas atividades uma atuação notável, que quase não encontra paralelo no cenário cultural brasileiro. Especificamente como professor, foi carismático pela inteligência, humor e clareza na exposição da matéria. Suas aulas sempre atraíram inúmeros alunos e mesmo colegas, que não perdiam a oportunidade de sorver os conhecimentos generosamente ali distribuídos e, de quebra, aprender um pouco com ele a ser professor. Conforme testemunha Roberto Schwarz, “o número dos alunos para quem os cursos de Antonio Candido foram um acontecimento e impulso decisivo é grande, em sociologia como em literatura; não há melhor prova da capacidade de um docente” (CANDIDO; SCHWARZ, 1989, p. 20). O próprio Antonio Candido sempre reconheceu sua propensão para a profissão. Na mesma solenidade que suscitou as considerações de Schwarz, ele resume suas qualidades de professor: “Sendo eu um homem mais de fala que de escrita, foi como professor que me realizei melhor. E a realização máxima foi ter tido alunos que sabem ultrapassar os seus mestres” (CANDIDO; SCHWARZ, 1989, p. 34). Como pensador, deixou uma obra incomum, da qual talvez a *Formação da Literatura Brasileira* (1959) seja o título mais expressivo pela originalidade, densidade e atualidade. Costuma ser citado como um dos estudos fundamentais para se entender o Brasil. Mas há também o clássico *Os Parceiros do Rio Bonito* (1964), sua tese de Sociologia, e *Literatura e Sociedade* (1965), em que expõe seu original método de análise da obra literária. Como militante político, lutou incansavelmente pela igualdade social em várias frentes, tanto escrevendo textos “de ocasião” como atuando partidariamente. Além de militante do antigo Partido Socialista Brasileiro, foi um dos fundadores do PT, por acreditar que esse partido poderia contribuir para a diminuição da injustiça social no País.

Diante do perfil de Antonio Candido, aqui recordado em breves traços, com destaque para a originalidade científica e a preocupação com a clara difusão de seus resultados por meio de livros, ensaios, conferências e aulas, cabe perguntar se não é lícito e mesmo necessário aproveitar suas lições para o ensino de literatura. Especialmente na contemporaneidade, em que impera a convicção de

que se está tornando difícil ensinar literatura e surgem variadas propostas facilitadoras que tendem a colocar o objeto principal de ensino a reboque de outros objetivos, talvez seja oportuno voltar-se para Antonio Candido para observar em que sua prática acadêmica pode contribuir para enfrentar as perplexidades em torno do ensino de literatura.

É dessa perspectiva que se apresentam a seguir algumas reflexões sobre formulações basilares de Antonio Candido, em especial as voltadas genericamente para a difusão do conhecimento ou diretamente preocupadas com o papel do professor na Educação Básica e Superior. Serão percorridos alguns de seus ensaios clássicos que abordam o tema, bem como textos menos difundidos, “de intervenção”, como ele os considerava, com a finalidade de caracterizar sua virtual proposta de ensino de literatura, procurando entendê-la não apenas como simples metodologia, e sim como princípios e sugestões que possam representar respostas consistentes para os desafios de se ensinar literatura no mundo contemporâneo.

1. Os pressupostos teóricos

Antonio Candido ingressou na carreira acadêmica em 1942, como professor de Sociologia, mas em 1958 passou a ensinar Literatura Brasileira na recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, que ajudou a conceber. Costumava repetir a amigos que era grato a essa Faculdade por lhe ter dado a oportunidade de dedicar-se à sua maior vocação: os estudos literários. A esse propósito, declarou em 2012 que foi no Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em Assis, em 1961, que expôs os princípios de seu conhecido método crítico, “para mostrar como é que o externo se transforma em interno, como é que o social e o psíquico deixam de ser social e psíquico para se tornarem realidade estética” (ANTUNES; FERREIRA, 2014, p. 217). Muito antes de iniciar-se como professor de Literatura Brasileira, porém, Antonio Candido já vinha se dedicando aos estudos literários, de que é exemplo maior a preparação e redação, entre 1945 e 1951, de *Formação da Literatura Brasileira*, cuja primeira edição é publicada em 1959. E é nesse clássico do pensamento brasileiro que se encontram formulações precisas de seu método crítico, com possíveis implicações no ensino de literatura.

Entre outras formulações ali presentes, destaca-se a descrição das etapas da experiência estética, pensada do ponto de vista do crítico, mas similares ao processo de leitura reflexiva da obra literária que pode ser praticado pelo professor em sala de aula. Recorde-se, a esse propósito, que Antonio Candido considerava o professor como um crítico oral (CANDIDO, 2008). Segundo ele, o trabalho do crítico consiste em “perceber, compreender e julgar”, em que o primeiro e o terceiro momentos “são de natureza estética e ocorrem necessariamente, embora nem sempre conscientemente, em qualquer leitura” (1969, p. 32). No primeiro momento, têm grande importância as impressões preliminares, em que o crítico “usa largamente a intuição, aceitando e procurando exprimir as sugestões trazidas pela leitura” (1969, p. 32). Dessas sugestões sairá o juízo, “que não é julgamento puro e simples, mas avaliação – reconhecimento e definição de valor” (1969, p. 32). O momento intermediário, por sua vez, é destinado à crítica propriamente dita, e nele se desenvolve “o trabalho paciente da elaboração, [que,] como uma espécie de moinho, tritura a impressão, subdividindo, filiando, analisando, comparando, a fim de que o arbítrio se reduza em benefício da objetividade, e o juízo resulte aceitável pelos leitores” (1969, p. 32). Transposta a situação para a sala de aula, podem ser observadas, no primeiro momento, as impressões dos alunos, que em face do texto experimentam, assim como os críticos, “certos estados de prazer, tristeza, constatação, serenidade, reprovação, simples interesse” (1969, p. 32). Essas impressões são as tais “preliminares importantes” do crítico que também os alunos devem experimentar e manifestar, “pois elas representam a dose necessária de arbítrio, que define a sua visão pessoal” (1969, p. 32). É desse contato inicial com o texto, em que prevalece a intuição, que sairá o juízo. Da mesma forma que o crítico, também o aluno deverá basear-se no trabalho paciente de análise. A aproximação desse processo crítico à leitura na sala de aula tem a vantagem de, ao mesmo tempo em que valoriza a impressão dos alunos sobre o texto lido, evita o julgamento meramente impressionista e estimula a fundamentação dos aspectos arbitrários percebidos individualmente, motivando o trabalho, em geral mais difícil e às vezes enfadonho, da análise.

Embora Antonio Candido não o desenvolva aqui, seu pressuposto para essa proposta de análise é o texto como estrutura autônoma, conforme explicará de forma didática e, ao mesmo tempo, rigorosa na conferência que profere no curso organizado em 1988 pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de

São Paulo e depois publicada com o título de “O direito à literatura” (CANDIDO, 1995). Longe, porém, de considerar essa autonomia à moda dos estruturalistas, trata-a da perspectiva da “redução estrutural”, que sintetizou mais tarde como “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (CANDIDO, 1993, p. 9). Por isso, entende a literatura como três faces que atuam de forma integrada no leitor: objeto autônomo, forma de expressão e forma de conhecimento. E, ao contrário do que pensaria o leitor superficial, a literatura provoca seus efeitos não porque é forma de conhecimento, mas principalmente porque “é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado” (CANDIDO, 1995, p. 244). É essa estrutura que se apresenta ao leitor como “modelo de coerência” e exerce sobre sua mente “papel ordenador”. Dito de outra forma, a obra literária, como coisa organizada, é um fator que deixa o leitor mais capaz de ordenar sua própria mente e seus sentimentos e, como decorrência desse processo, mais capaz de organizar a visão que tem do mundo (CANDIDO, 1995, p. 245). Para acentuar esse caráter autônomo da obra de arte, Antonio Candido cita em seguida o exemplo de um poema hermético, de difícil compreensão, por não apresentar nenhuma alusão clara à realidade, mas que pode organizar a visão de mundo do leitor “pelo fato de ser um tipo de ordem, sugerindo um modelo de superação do caos” (CANDIDO, 1995, p. 245). Não dispondo de dados que facilitem uma aproximação mecânica do mundo, o leitor é obrigado a voltar-se para a estrutura e perceber nela o princípio organizador de seus elementos. Dessa forma, “a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (CANDIDO, 1995, p. 246).

Em suas formulações, Antonio Candido demonstra a convicção de que “em literatura as formas ‘significam’ de modo total, isto é: constituem um objeto de contemplação; denotam um sentido; remetem a significados não aparentes”, conforme detalha em entrevista concedida à revista *Trans/Form/Ação*, em 1979, e recolhida no volume *Brigada ligeira e outros escritos* (1992, p. 242). Na oportunidade, aprofunda o aspecto que seria a grande inspiração de suas análises mais bem sucedidas:

De certo modo, como mostrou Hauser, a obsessão fundamental do nosso tempo desde o século XVIII é a busca das camadas ocultas de sentido, a começar pelo marxismo e passando pela psicanálise, instrumentos fundamentais e paradigmáticos sob este aspecto. A aparência, as camadas imediatas, não satisfazem mais, como satisfariam a uma crítica de inspiração clássica. (1992, p.242-3)

Resumidamente, tentou-se expor aqui o método crítico que Antonio Candido concebeu e aperfeiçoou ao longo de sua vida, tendo-o praticado em análises exemplares de poemas e romances. Apresentado sumariamente no Congresso de 1961, ele foi sistematizado no ensaio “Crítica e Sociologia” e publicado em 1965 no volume *Literatura e sociedade*. Nesse ensaio, o autor explica que a integridade da obra literária não permite adotar, de forma dissociada, a visão sociológica, com ênfase no que ela contém da realidade social, ou a visão oposta, com ênfase nas operações formais, sem condicionamentos externos. Propõe, então, o que designa “uma interpretação dialeticamente íntegra”, fundindo texto e contexto (CANDIDO, 1973, p. 4), “em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo” (CANDIDO, 1973, p. 4). Já nesse ensaio ele procura aplicar seu método dialético na leitura de *Senhora*, mas será na análise de *Memórias de um sargento de milícias* e de *O cortiço* que essa forma de leitura literária se apresentará plenamente, tornando-se referência para a crítica preocupada em ler literatura e sociedade em uma relação produtiva. “Dialética da malandragem” (CANDIDO, 1970), o ensaio sobre o livro de Manuel Antônio de Almeida, permite, segundo Roberto Schwarz, “ler o romance sobre fundo real” e “estudar a realidade sobre fundo de romance, no plano das formas mais que dos conteúdos, e isso criativamente” (1979, p. 140). É essa articulação, ainda segundo Schwarz, que permite a geração de conhecimento no estudo de uma obra literária.

2. A condição de professor

Apesar da clareza do método, exposto aqui com intencional didatismo, de modo algum se está diante de uma abordagem facilitada da obra literária. Pelo contrário, a compreensão em profundidade desse método requer empenho e esforço intelectual, sob pena de se ficar pelo caminho, caindo na velha relação entre sociologia e crítica literária. Antonio Candido parece não ter ignorado o problema e não se furtou a praticar e explicar sua proposta tantas vezes quantas fossem necessárias. Foi assim que aceitou publicar os roteiros de aula que começou a elaborar no final dos anos 1950, quando ensinava Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, atualmente uma unidade da UNESP. *Na sala de aula* (CANDIDO, 1985) contém seis análises de poemas que, conforme o autor explica no breve prefácio que acompanha o volume, “procuram sugerir ao professor e ao estudante maneiras possíveis de trabalhar o texto”. Considera, para isso, que cada poema “é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos”. Assim, esses “elementos só podem ser considerados *externos* ou *internos* por facilidade de expressão”, cabendo ao analista “utilizar sem preconceitos os dados de que dispõe e forem úteis, a fim de verificar como (...) a matéria se torna forma e o significado nasce dos rumos que esta lhe imprimir” (CANDIDO, 1985, p. 5). Observa-se, assim, que as análises apresentadas no livro seguem o mesmo método dialético visto anteriormente, agora, porém, com a preocupação didática explicitada. Tanto que, a certa altura do prefácio, ele frisa: “este caderno não é um conjunto de ensaios, mas um instrumento de trabalho, contendo textos analíticos dependentes, isto é, que não foram feitos para ser lidos por si mesmos, mas em correlação estreita com os poemas” (CANDIDO, 1985, p. 6).

Antonio Candido valorizava tanto a docência que chegou a criticar certa deturpação da carreira acadêmica que privilegia o pesquisador em detrimento do professor. Conforme relatou em conferência pronunciada na Associação de Professores de língua e Literatura em 1979, chegou a propor em 1968, numa Comissão Paritária de professores e alunos criada para estudar a reforma universitária, “que, ao lado da carreira chamada científica, com base no mestrado, doutorado e daí para outros títulos, se prevísse uma carreira paralela, sem estes títulos, tendo como critério de acesso a demonstração, a longo prazo, de uma capacidade real de ensinar” (CANDIDO, 1980, p. 84). A proposta baseava-se no

conhecimento de “certos colegas que ensinavam línguas, extremamente capazes, informados e eficientes, que se angustiavam e não faziam teses, porque não era esta a sua vocação” (CANDIDO, 1980, p. 84). Como ele era já um professor muito respeitado, os colegas da comissão (alunos e professores) acataram “com silêncio amistoso” o seu ponto de vista, mas na redação final do projeto a proposta foi “delicadamente ignorada”. Então, conclui, um tanto resignado: “Por aí, avaliei até que ponto a consciência universitária já não está preparada para aceitar a figura do professor enquanto tal” (CANDIDO, 1980, p. 84).

À vista dessas considerações, pode-se dizer que Antonio Candido, como intelectual, prezou o conjunto de suas atividades, moldando-se, porém, pela função de professor e dispensando aos ensaios e livros a mesma clareza buscada nas aulas. Em suma, sua preocupação última sempre foi a de ser claro tanto nas aulas como na escrita. Graças a isso, pode formar muitos professores e intelectuais brasileiros, deixando uma tradição da crítica dialética no Brasil. Vários de seus textos tornaram-se populares, não apenas porque são lidos nas salas de aula, mas porque emprestam argumentos e métodos a muitos estudiosos que buscam neles esclarecimentos sobre literatura, cultura brasileira, política, humanismo. Suas ideias sobre a literatura como um direito humano são pioneiras e de larga aceitação no âmbito das Ciências Humanas. Nos ensaios em que trata do assunto,³ consegue uma das façanhas só possíveis a um grande intelectual que nunca perdeu o chão da história e das contradições de seu tempo: expor a um público heterogêneo as questões mais urgentes do ponto de vista social e artístico com o rigor e o equilíbrio que elas exigem. Não é nenhum exagero afirmar que foi único na interpretação do Brasil por meio da literatura e da cultura. Seu estilo claro, elegante, envolvente, cultivado conscientemente como parte de sua missão de professor, serviu para enfrentar as principais contradições de seu tempo com extremo respeito ao próximo, discutindo ideias e fenômenos, e não pessoas, tornando-se, por isso, uma verdadeira unanimidade entre aqueles que o conheceram – como alunos, amigos ou leitores. Sempre muito agudo em suas observações, Antonio Candido nunca abandonou o humor e a visão otimista que alimentava do homem. Para ele, apesar de tudo, havia progresso em sua histó-

3 Além de “O direito à literatura”, cabe lembrar também “A literatura e a formação do homem” (CANDIDO, 1972), no qual, pela primeira vez, o Autor trata da literatura como fator de humanização.

ria, numa espécie de triunfo do socialismo (CANDIDO, 2011), perspectiva que resumia seu ideal de humanização.

Todos esses são aspectos fascinantes e colocam a leitura literária como algo não apenas acessível como também desejável e prazeroso a todos. É preciso observar, porém, que, assim como nos ensaios, nas aulas o professor Antonio Candido funcionava como uma espécie de autor, que expunha, sempre de forma brilhante, um texto. Isto quer dizer que, em contraste com a tendência pós-68, de maior participação nas aulas, de busca de sentido do texto pelos alunos, de valorização das comunidades interpretativas, de constituição coletiva do sentido e assim por diante, o professor, para Antonio Candido, era alguém que expunha para um público, e este assistia silenciosamente às suas aulas. Esse aspecto não passou despercebido a uma de suas alunas prediletas, que tratou do assunto por ocasião das homenagens aos 80 anos do Professor. Ligia Chiappini Moraes Leite, ao abordar o que chama de “uma contradição não resolvida”, recorda, com a vivacidade da jovem ativista, uma anedota de seus tempos de aluna:

Em 1968, grávida e ativista do CAEL (Centro Acadêmico dos Estudantes de Letras), portando um eterno blusão do curso de letras e minissaia, eu desmentia na aparência o meu autoconceito de aluna esforçada e regular, quando passei a frequentar o curso de teoria literária, ministrado por Antonio Candido, logo após a greve e as discussões da comissão paritária e um pouco antes da invasão da Maria Antonia pela polícia da ditadura. Além do aspecto um tanto desorientador (até pelo contraste entre a jovem dona de casa tradicional e a militante irreverente), apareci ao mestre como uma espécie de rebelde sem causa, conturbando os seus planos de aula, com exigências de seminários e reclamações contra a aula expositiva. (...) A projeção voluntarista talvez, com o tempo, eu tenha conseguido evitar, mas o desejo de participação continuou a acompanhar-me e voltava a manifestar-se com toda a força nas reflexões da professora sobre o ensino de literatura (...). Mas como conciliar aí essas ideias de democratização e cogestão do ensino-aprendizagem, aquele ideal da aluna rebelde de 1968 que lutava pela implantação da aula-seminário e pela representação estudantil paritária em todas as instâncias de poder da universidade, com a aula sempre magna de Antonio Candido? (LEITE, 1999, p. 54)

Com efeito, Antonio Candido não abria mão de seu método expositivo, o que é comprovado por outra aluna famosa. Walnice Nogueira Galvão, no mesmo evento comemorativo dos 80 anos do Professor, recorda:

Em sala de aula, Antonio Candido costuma ser rigoroso. Não gosta de conversa fiada, nem de ser interrompido. As perguntas até que são bem-vindas, já que mostram que alguma coisa atingiu o aluno. E este, por definição, tem direito à atenção do professor. Mas é bom que espere o final da aula, para que o raciocínio do professor não se veja bruscamente cortado. (GALVÃO, 1999, p. 49)

Talvez seja essa mesmo a contradição entre as aulas de Antonio Candido e a participação dos alunos na atribuição de sentido aos textos na sala de aula. Por essa e por outras, Ligia Chiappini relata que chegou “a acusá-lo de não querer fazer seminários porque tinha uma visão preconcebida dos estudantes como preguiçosos, apáticos, não cumpridores e não participativos, acusação que ele ouviu com paciência, argumentando simplesmente que não se tratava de um preconceito, mas de um conceito formado com base na experiência” (LEITE, 1999, p. 54). É a própria Ligia Chiappini quem encaminha a resposta a essa contradição ao admitir que “a independência se constrói a partir da imitação de modelos,” “que um verdadeiro mestre trabalha para a emancipação dos discípulos do seu âmbito de influência” (LEITE, 1999, p. 54-5). Por fim, confessa que descobriu com Antonio Candido “que um mestre que se preze sabe sair de cena quando percebe que discípulos maduros podem levar adiante suas ideias e projetos mesmo se, ou talvez até porque, deles discorde no todo ou em parte” (LEITE, 1999, p. 55). Parece uma conclusão um tanto conciliadora, mais de reverência do que de discordância, mas vale como tentativa de aproximar uma condição à outra, sugerindo a integração do fascínio de um professor com a beleza da compreensão literária. Nessa linha, Ligia Chiappini conclui suas reflexões admitindo que “a participação pode se dar de diferentes formas”. Aceita “que se pode muito bem participar calando, talvez mais do que falando.” Ainda: “e que uma aula magna pode dar maior margem à participação crítica do que um falso seminário que oblitere a função de dar oportunidade ao pensamento de germinar como semente” (LEITE, 1999, p. 58).

3. A interface entre prática e teoria.

Mesmo corretas, as conclusões de Ligia Chiappini sobre a contradição por ela formulada parecem insuficientes para os dias de hoje, em que prevalece no sistema de ensino, especialmente no público, um quadro docente mal formado e desmotivado para a profissão, que de resto é pouco valorizada, inclusive do ponto de vista salarial. Nesse sentido, uma aula participativa, na medida em que diminui o peso da atuação do docente, acaba suavizando seu labor didático, desproporcional à sua competência. É como se ele aprendesse com os alunos enquanto ensina. Ainda que isso possa ocorrer, e não deixa de ser algo mais honesto do que o docente ostentar um conhecimento que não domina e, dessa forma, levar os alunos a odiarem a literatura, como em geral ocorre, é preciso colocar o problema em termos mais adequados.

O próprio Antonio Candido talvez ofereça a chave para esse dilema. Sua visão crítica da sociedade burguesa, associada à luta permanente para diminuir a desigualdade social por meio da literatura, tem algo a ensinar. É preciso retornar à sua prática e a alguns de seus textos fundamentais e observar como nele figura o estudo da literatura. Dos trabalhos mais elaborados aos ensaios e palestras de divulgação, todos contemplam o princípio humanizador sem perder o rigor da leitura e da análise.

Assim como entre perceber e julgar há o duro trabalho de compreender e analisar, entre o seminário dos alunos defendido por Ligia Chiappini e a aula magna do mestre há a sessão de estudos, com intensa preparação dos alunos para a leitura literária. Nesse sentido, é exemplar o relato de uma aluna dos tempos de Assis. Teresa de Jesus Pires Vara, também no evento de homenagem aos 80 anos de Antonio Candido, recorda sua experiência nas disciplinas ministradas pelo Professor, dentre as quais teve o privilégio de frequentar, como única aluna, a disciplina de Literatura Brasileira, que incluía uma “matéria completa.” Nessa matéria, pode estudar ao lado do mestre as *Memórias de um sargento de milícias*. Diz ela:

Ele me passava tarefas semanais de análise de texto, escolhia um capítulo-chave do romance para o estudo da estrutura e eu ficava ali horas, debruçada sobre o texto, tentando captar a trama, o tecido, a combinação dos fios narrativos, os elementos de ligação de um capítulo para o outro (os elementos conectivos, como

ele denominava), os cortes e a costura, até chegar bem próximo de entender o princípio estrutural que explicava o romance como um todo. (VARA, 1999, p. 230)

É justo recordar que, mesmo nas aulas de Introdução aos Estudos Literários, em que o professor também atuava nessa época, o número máximo de alunos na sala de aula não passava de 15 e eram escolhidos num universo de cerca de 300 candidatos. É uma situação muito diferente da observada nos tempos atuais, em que se busca construir a democratização do acesso à universidade, mas isso não invalida o método como princípio norteador a ser considerado e eventualmente adaptado. Voltando ao relato, Teresa Vara, ao recordar sua experiência de aluna nessa disciplina, admite ter tido “aulas particulares” de literatura brasileira durante um ano, chamando a atenção seu entusiasmo pelo trabalho compartilhado com o mestre: “vivi raros momentos de inigualável parceria, como se fizessemos um trabalho a quatro mãos que me dava a ilusão de ter formulado junto com ele, ‘salvo engano’, os pressupostos da ‘Dialética da malandragem’” (VARA, 1999, p. 230).

A impressão de Teresa Vara, de certa forma, é confirmada pelo próprio Antonio Candido quando explica que, na chamada Sessão de Estudos daquele curso, o professor atuava como um tutor, em que propunha estudos semanais de obras literárias, lembrando inclusive que fez isso durante um ano com a aluna Teresa Vara (CANDIDO, 2008). Essa prática é coerente com o modelo de Antonio Candido, que frequentemente escrevia ensaios como resultado de suas aulas. Como ele afirma no prefácio a *Na sala de aula*, muitas análises foram escritas entre 1958 e 1960 e, “à medida que as utilizava nas aulas (em diversos lugares daqui e do estrangeiro, mas sobretudo na Universidade de São Paulo), elas iam sendo acrescidas e modificadas” (CANDIDO, 1985, p. 6). Com isso, Antonio Candido reconhece que escrevia suas aulas e as ia aperfeiçoando cada vez que as ministrava. Na verdade, nunca estavam prontas, a não ser quando as fixava numa publicação. Percebe-se, dessa forma, que ele estabelecia íntima relação entre o exercício do magistério e a produção intelectual. Esse vínculo pode ser observado por outro ângulo, quando ele admite que o professor, ao ensinar ao aluno, também ensina a si próprio, cresce como leitor e como pessoa. Nas palavras de Norma Seltzer Goldstein, que reproduz diálogo mantido com Antonio Candido a propósito das conferências que ele ministrou para professores da rede pública do Estado de São Paulo na década de 1990, “é essencial que o professor de lite-

ratura faça dela uma experiência de vida. O ensino de literatura forma o aluno e também forma permanentemente o professor” (GOLDSTEIN 1999, p. 299). Por serem dirigidas a professores da escola pública, que geralmente trabalham em condições adversas, as considerações de Antonio Candido podem ser compreendidas como reconhecimento do trabalho docente em níveis menos complexos de abordagem literária. Esse reconhecimento pode também ser estendido ao trabalho desenvolvido por ele no interior do Estado, com o claro propósito de levar conhecimento para fora dos centros culturais do País, como se pode comprovar pelo relato de Teresa Vara, que nesse sentido sublinha a “figura profundamente aberta e humana do professor que soube compreender as fraquezas de nossa situação educacional e colocar-se à disposição de um projeto pioneiro que revolucionou o ensino de literatura no interior de São Paulo” (VARA, 1999, p. 225).

Quanto à relação de mão dupla entre a formação do aluno e a formação do professor, afigura-se não como um princípio teórico, mas como reafirmação de sua prática docente. No discurso que proferiu em 1988, na Faculdade de Ciências e Letras, Unesp de Assis, quando recebeu o título de Professor Emérito, registrou de forma clara: “Neste momento, penso de maneira afetuosa nos alunos com os quais lidei de meados de 1958 ao fim de 1960, e de certo modo me ensinaram a ensinar literatura, pois em função deles foi que organizei o trabalho docente e produzi o que este requereu e suscitou” (CANDIDO, 1992, p. 251).

Considerado dessa forma, o método de ensino de Antonio Candido vai além da aula expositiva, pressupondo pelo menos duas etapas anteriores, de suma importância do ponto de vista da formação do aluno. Assim, seu método contempla: o estudo dirigido (pesquisa), os seminários (trabalho criativo dos alunos) e a aula magna (modelo). Como diz a aluna que se considera uma espécie de coautora da “dialética da malandragem” a propósito da Sessão de Estudos:

Nesse curso paralelo, eu me preparava para os seminários do curso básico, no segundo ano. Já a ideia do seminário representava para a época um grande avanço nos estudos literários, pois implicava uma mudança radical na relação do professor com os alunos, dos alunos com o texto literário, transformando a aula numa experiência partilhada capaz de transmitir lições de método e rigor no trabalho com o texto literário. (VARA, 1999, p. 231)

Em outro momento de seu relato, porém, enfatiza a aula expositiva do mestre: “Eu esperava ansiosa o momento da aula, quando, então, ele expunha a matéria do curso. (...) Agora era só seguir o seu pensamento vivo, extraordinariamente didático” (VARA, 1999, p. 227). Lembra em seguida o momento da leitura e análise dos textos literários, “o ponto alto do curso”. De tal maneira era marcante o momento que ela não sabe dizer o que foi mais importante, os textos poéticos lidos ou o modo particular da leitura, sugerindo que “as duas coisas sempre caminharam juntas, a visão do poeta e a percepção poética do mundo no ato crítico da leitura” (VARA, 1999, p. 229).

De certa forma, descreve-se aqui o processo de formação de leitores e estudiosos de literatura que, por outras vias, contemplava já a prática do seminário reivindicada por Lígia Chiappini. Evidentemente, o percurso não vale para todos, mas é o mais indicado para se explorar o potencial criador da literatura. A própria Lígia Chiappini é muito feliz ao definir esse método enquanto percurso de um processo formador a um produto, igualmente, formador, uma vez que retorna aos alunos como modelo, ao intitular seu texto como “Mestre no ensino e no ensaio”. O procedimento faz lembrar a aula do Mestre escrita e reescrita continuamente. E a experiência relatada por Teresa Vara parece confirmar o círculo: alunos aprendendo com o professor, que aprende com os alunos; alunos sentindo-se coautores do ensaísta, o qual – para retomar a comparação com o método crítico exposto no início – reconhece que “o orgulho inicial do crítico, como leitor insubstituível, termina pela humildade de uma verificação objetiva, a que outros poderiam ter chegado” (CANDIDO, 1969, p.32).

Conclusões

No breve prefácio que escreveu para o livro de Maria Thereza Fraga Rocco (1992), Antonio Candido deixa transparecer seu apreço pelo papel do professor para estabelecer uma “relação criadora” com o aluno. Para que isso ocorra, considera fundamental o “vínculo adequado entre professor e aluno, como condição para ensinar algo tão ligado às experiências pessoais quanto à literatura” (FRAGA ROCCO, 1992, p. xiii). No seu entender, a parte “imensurável” da literatura, “que escapa às receitas pedagógicas e didáticas (...), pode ser estimulada por um relacionamento propício” (FRAGA ROCCO, 1992, p. xiii).

Com essas reflexões, pode-se chegar à conclusão de que Antonio Candido, embora pareça situar-se em patamar distante das preocupações com a didática da literatura, por ter atingido níveis sofisticados de análise em seus ensaios literários, está, no fundo, muito próximo de qualquer leitor em formação disposto a compreender e mudar o mundo por intermédio da literatura. Seu percurso do ensino ao ensaio, como formula Lígia Chiappini, parece sintetizar seu projeto de estudo da literatura: o que de melhor escreveu foi fruto de seu trabalho em sala de aula. De outro lado, seus brilhantes ensaios, vazados sempre em linguagem límpida e comunicativa, têm a vocação para retornar à sala de aula como instrumento de leitura e análise literária. Trata-se de um percurso nada elitista, que visa, em última instância, contribuir para o aperfeiçoamento da vida social, diminuindo a desigualdade que tanto o incomodava.

Pensar o ensino da literatura de sua perspectiva significa, assim, levar em consideração os seus pressupostos, a começar do rigor com que trata a forma literária, única maneira de compreender a literatura como meio de enriquecimento humano. Esse método, conforme suas primeiras lições, dadas no início de sua carreira como professor de literatura, consiste em estudar com os alunos, isto é, compartilhar com jovens em formação sua capacidade de ler e analisar textos literários e, ao mesmo tempo, extrair dessa experiência alimento para suas reflexões. Ensinar, para Antonio Candido, nunca foi uma experiência neutra e solipsista. Ainda jovem professor de Sociologia da USP, ao proferir o discurso de paraninfo da turma de 1947, declarou:

E, no entanto, meus caros colegas, a nossa principal missão é viver a aventura do pensamento junto com os alunos; procurar enriquecer de tal maneira a nossa sensibilidade e a nossa visão das coisas, que nos seja possível transmitir, ao lado e acima da noção e da ideia, o sentimento imponderável de calor e de harmonia que permite estender com maturidade os olhos sobre o mundo e o semelhante. (CANDIDO, 2002, p. 314-5)

O que se aprende com a lição do mestre Antonio Candido não é certamente uma receita de como ensinar literatura, mas algo muito mais profundo e duradouro: como ler literatura para a vida. Para isso, há pressupostos que o momento histórico talvez não favoreça de forma ampla, seja pela desigualdade social que ainda prevalece mesmo nos países mais desenvolvidos, seja pelo baixo prestígio

da obra literária num mundo movido pela pressa da comunicação instantânea e visual. Nesse contexto, a reflexão e a crítica proporcionadas pela experiência literária tendem a combater esses aspectos desfavoráveis, colocando a literatura como alternativa sensível e inteligente capaz de fornecer os meios mais eficientes de resistência. Não se trata, portanto, de um mero método de estudo, mas de um modo de vida que valoriza o conhecimento e a diminuição da discriminação social. Ensinar literatura segundo Antonio Candido significa, antes de tudo, concordar com esses princípios e colocá-los em prática em sala de aula, não importando os meios necessários para isso.

Para finalizar, retoma-se a formulação que tão bem o Professor apresentou na conferência em que trata do direito à literatura para considerar suas aulas expositivas uma espécie de “modelo de coerência,” tal como uma obra literária que, ao ser lida, exerce “papel ordenador” sobre a mente do leitor. Dessa forma, suas aulas podem figurar como um “tipo de ordem”, que sugere “um modelo de superação do caos”. Trata-se da maneira mais justa de compreender sua atuação didática, fruto de muita elaboração, cuja finalidade é deixar-nos “mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 1995, p. 245).

Referências

- ANTUNES, Benedito; FERREIRA, Sandra. (Org.). *50 anos depois: estudos literários no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-9, set. 1972.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970.
- CANDIDO, Antonio. Discurso de paraninfo. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Antonio Candido: entrevista* [Maio 2008]. Entrevistador: Gilberto Figueiredo Martins. São Paulo, 2008. Um DVD.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 3.ed. São Paulo: Martins, 1969.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: cadernos de análise literária*. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-63.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio. O socialismo é uma doutrina triunfante. *Brasil de fato*, São Paulo, 8 ago. 2011. Entrevista. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/node/6819/>. Acesso em: 16 maio 2018.

CANDIDO, Antonio. Professor, escola e associações docentes. *Almanaque*, São Paulo, v.11, p.83-7, 1980.

CANDIDO, Antonio; SCHWARZ, Roberto. *Antonio Candido & Roberto Schwarz: a homenagem na UNICAMP*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

FRAGA ROCCO, Maria Thereza. *Literatura/ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1992.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Vida, obra e militância. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 44-51.

GOLDSTEIN, N. S. Antonio Candido e a literatura na escola. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 298-9.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Um mestre no ensino e no ensaio. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 52-60.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: ARI-NOS, Afonso et al. *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

VARA, Teresa de Jesus Pires. Esboço de figurino. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 225-36.